

Steven Beller (org.), *Rethinking Vienna 1900*

António Sousa Ribeiro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/1192>
ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 Maio 2003
Paginação: 187-189
ISSN: 0254-1106

Referência eletrónica

António Sousa Ribeiro, « Steven Beller (org.), *Rethinking Vienna 1900* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 65 | 2003, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1192>



Recensões

Steven Beller (org.), *Rethinking Vienna 1900*. New York/Oxford: Berghahn Books, 2001, 292 p.

O presente livro resultou do simpósio “Beyond Vienna 1900: Rethinking Culture in Central Europe 1867-1939” realizado em 1995 no Centro de Estudos Austríacos da Universidade de Minnesota em Minneapolis. Apesar de versões de alguns dos textos terem já antes sido dispersamente publicadas, só agora é que um conjunto amplo das contribuições ao simpósio estão à disposição do leitor. Bem pode lamentar-se este facto, já que se trata de um volume que abre importantes perspectivas para um campo de investigação que, nos últimos anos, não tem tido muito de novo a oferecer e que, em vários aspectos, parecia preso a concepções definitivamente estabelecidas. Os dez textos reunidos na colectânea apontam, genericamente, no sentido de uma crítica às teses de Carl Schorske que, desde o surgimento da obra capital *Fin-de-Siècle Vienna. Politics and Culture* (New York, Knopf, 1980), dominaram substancialmente a investigação sobre o tema. O significado do trabalho de Schorske – que, como Steven Beller, organizador da colectânea, não deixa de recordar, não apenas deu uma contribuição essencial para o campo de investigação “Viena de 1900”, mas, em certo sentido, criou mesmo esse campo – em nada sai diminuído. Formulam-se, no entanto, de modo decidido, teses alternativas, que apontam vias promissoras para estudos futuros.

Os estudos pioneiros de Schorske perspectivaram a multimoda constelação da modernidade vienense a partir de um padrão interpretativo psico-sociológico que obteve indiscutível sucesso. A conhecida tese principal do historiador da cultura norte-ameri-

cano parte do pressuposto de que, na sequência da derrota política da burguesia liberal austríaca no início dos anos oitenta do século XIX, a geração seguinte surge marcada por um distanciamento radical em relação à política: para uma burguesia liberal desiludida, uma cultura estética individualista teria vindo ocupar, como sucedâneo, o lugar deixado vago da política. A encenação, em múltiplos planos, do desassossego de um sujeito burguês que procura naquela cultura a resposta ambivalente a uma complexa crise de identidade, estaria, segundo Schorske, na raiz da espantosa produtividade de uma época da qual, como é hoje consenso corrente, partiram impulsos decisivos para o século XX europeu. O presente volume propõe-se, de várias perspectivas, iluminar criticamente esta tese, aqui apenas esboçada nos seus contornos fundamentais. A substancial introdução do organizador da colectânea expõe desde logo este propósito com a mais meridiana clareza. Steven Beller, ele próprio especialista reconhecido e um dos primeiros que puseram convincentemente em questão o modelo de Schorske (veja-se, por exemplo, *Vienna and the Jews 1867-1938. A Cultural History*, Cambridge/New York, Cambridge UP, 1989), fornece na sua introdução uma panorâmica da constituição e do percurso de “Viena de 1900” como campo de pesquisa e, ao mesmo tempo, como ícone da cultura (e da indústria da cultura) desde os anos setenta do século XX. Numa síntese muito feliz que assume a forma de uma sucinta bibliografia comentada, todos os trabalhos relevantes para o tema são apresentados e avalia-

dos brevemente. Na segunda parte da introdução, sob o título “The Schorskean Paradigm and Its Discontents”, Beller debruça-se depois sobre as teses críticas desenvolvidas pelas várias contribuições para o volume. O denominador comum dessas contribuições, segundo Beller, é a convicção de que “o paradigma de Schorske já não oferece uma imagem convincente da Viena de 1900” (11); o resultado global dos vários contributos traduz-se, assim, “numa imagem muito mais complexa das relações entre a política, as classes e a cultura na Viena de 1900 do que a que era oferecida pelo paradigma de Schorske” (14) – uma afirmação que a leitura do volume sem dúvida vem confirmar.

Qual possa ser essa imagem mais complexa é o que resulta claro do primeiro capítulo do livro, “Vienna 1900 Revisited. Paradigms and Problems”, de Allan Janik. Janik aborda o problema de acordo com a matriz de um kuhniano “choque de paradigmas”. Não foi por acaso que este ensaio fundamental foi colocado logo a abrir o volume. De facto, ele não só advoga energeticamente uma revisão do paradigma estabelecido por Schorske como esboça ao mesmo tempo os contornos essenciais de um paradigma alternativo. O conceito essencial neste contexto é o de “modernismo crítico”, que permite a Janik ver na “Viena de 1900” não apenas uma cultura estética irracionalista, profundamente influenciada por Nietzsche, mas também a distância crítica em relação a essa cultura. O “modernismo crítico” representaria, desta forma, uma autocrítica da modernidade, oferecendo, em conformidade, uma base para uma outra visão, mais complexa, da constelação da “Viena de 1900”. A argumentação de Janik, que é ele próprio autor de uma das obras fundamentais sobre a modernidade vienense – *Wittgenstein's Vienna* (New York, Simon and Schuster, 1973), escrito de parceria com Stephen Toulmin –

apoiava-se fortemente nos trabalhos do historiador John Boyer. Estes têm vindo a pôr em questão a tese do “fracasso do liberalismo”, ao apontarem, por um lado, para o carácter já de si intrinsecamente elitista do liberalismo austríaco e, por outro, ao mostrarem que o liberalismo de modo nenhum desapareceu por completo do palco da política austríaca no final do século XIX. Por outras palavras: as hipóteses da teoria cultural não são comprovadas pelos factos da história social e política. Não surpreende, pois, que no final do capítulo, sob o subtítulo “Problems for Future Research”, Janik aponte caminhos futuros de investigação que, no essencial, se situam no domínio da história social – e que, vários anos depois, permanecem ainda em grande parte simples desideratos, mau grado a importância de publicações sobre “a outra Viena de 1900” como o livro de Wolfgang Maderthaler e Lutz Musner, *Die Anarchie der Vorstadt. Das andere Wien um 1900* (Frankfurt am Main: Campus, 1999). A argumentação de Alan Janik é corroborada e complementada no capítulo seguinte, “Rethinking the Liberal Legacy”, da autoria do historiador Pieter Judson. Judson, cujos trabalhos deram um contributo importante para uma visão mais diferenciada do liberalismo austríaco (cf. sobretudo *Exclusive Revolutionaries: Liberal Politics, Social Experience, and National Identity in the Austrian Empire, 1848-1914*, Ann Arbor, Univ. of Michigan Pr, 1996), está em condições de demonstrar que o desaparecimento do liberalismo como força política na Áustria não significou o desaparecimento do património ideológico liberal da cultura política austríaca. Como escreve o autor “se é verdade que os liberais perderam várias batalhas para preservar a sua hegemonia política, eles talvez tenham ganho a guerra, nos seus esforços para manter uma cultura política baseada no essencial da sua visão do mundo” (75).

Por outro lado, a perda do poder verificada na metrópole, na capital do Império, não ocorreu da mesma forma e na mesma extensão na província, o que não admira tenha passado despercebido a uma linha de investigação exclusivamente centrada em Viena.

O capítulo da autoria de James Shedel – “*Fin de Siècle* or *Jahrhundertwende*. The Question of an Austrian *Sonderweg*” – funciona, de certo modo, como complemento dos anteriores. O específico entrosamento entre tradição e modernidade característico do império habsbúrgico é interpretado neste capítulo, que recusa liminarmente a tese de um “*Sonderweg*” austríaco, sobre o pano de fundo do papel dominante do Estado. Na perspectiva de Shedel não pode falar-se simplesmente em crise do sujeito burguês ou em marginalização da cultura no contexto finissecular – sem a referência à relação com o Estado, a especificidade da vanguarda secessionista austríaca não pode ser captada adequadamente. Os dois capítulos que se ocupam do tema da pintura – Robert Jensen, “A Matter of Professionalism. Marketing Identity in *Fin-de-Siècle* Vienna”, e Ilona Sármány-Parsons, “The Image of Women in Painting. Clichés and Reality in Austria-Hungary 1895-1905” – confirmam esta perspectiva. Sobretudo Jensen mostra que as crises de identidade correspondem em pontos importantes à nova hegemonia do mercado e às dificuldades do reposicionamento num novo contexto de produção e recepção da obra de arte e não se limitam a reflectir a consciência melancólica de um sujeito em crise. Os contributos trazidos pelos restantes capítulos, se bem que nem todos da mesma qualidade, contêm perspectivas igualmente interessantes, que se complementam mutuamente: Michel Burri, “Theodor Herzl and Richard von Schaukal: Self-Styled Nobility and the Sources of Bourgeois Belligerence in Prewar

Vienna”; Scott Spector, “Marginalizations: Politics and Culture beyond *Fin-de-Siècle* Vienna”; Alfred Pfabigan, “Freud’s ‘Vienna Middle’”; Malachi Haim Hacohen, “Popper’s Cosmopolitanism: Culture Clash and Jewish Identity”; Mary Gluck, “Afterthoughts about *Fin-de-Siècle* Vienna: The Problem of Aesthetic Culture in Central Europe”.

Não é possível, no espaço limitado desta recensão, fazer justiça a todos os contributos reunidos no volume, genericamente centrados na crítica ao paradigma schorskiano. No conjunto, podemos bem interrogar-nos sobre se não haverá aqui um exagerado contrabalanço; a desvalorização do conceito de crise, tão central para Schorske e para outros intérpretes (recorde-se, por exemplo, o importante estudo de Jacques Le Rider, *Modernité viennoise et crises de l’identité*, Paris, P.U.F., 1990), leva a tematizar mais as continuidades do que as rupturas, num sentido que não deixa de correr o risco de uma análoga unilateralidade. Mas também em relação a este aspecto a posição do organizador da colectânea é moderada, ao lembrar que não se tratou tanto de infirmar as teses de Schorske como de delimitar com mais rigor o âmbito da sua validade – de acordo com Beller (19), aquelas teses mantêm-se em absoluto pertinentes no que se refere a uma determinada camada da burguesia vienesa culta de origem judaica.

No seu conjunto, este volume representa um marco importante da investigação sobre o *Fin de Siècle* vienesa, que, nos últimos vinte anos, tem concentrado sobre si uma atenção muito intensa, nem sempre isenta de traços mitificadores. Os estudos aqui incluídos ficam a constituir um pressuposto indispensável para a continuação de um debate crítico que este livro contribui para elevar a um superior patamar de complexidade.

António Sousa Ribeiro